

DIÁRIO CARTOGRÁFICO

TRANSCRIÇÕES DAS GRAVAÇÕES DAS TROCAS DE ESCUTA COM JOANA

ESCUTA 05/11/2018

Então, a gente teve o encontro na segunda-feira passada lá em Heliópolis e uma das ações que eu achei para cuidar, como na primeira vez foram muitas mulheres e a gente está querendo proporcionar esse espaço de escuta um pouco mais contido, algo que não iria acontecer naquela roda gigante de pessoas, uma das ações que, eu não sei se cheguei a comentar com você, mas uma das ações foi convidar a Katia para se somar à gente. A Katia já está... participa do grupo de intervenção já desde o começo e é uma pessoa que tem ouvido a gente sobre o processo dos Círculos também desde o começo, e me pareceu uma escolha até meio natural chamá-la, e deu muito certo porque... Na verdade, eu pensei... Eu vinha pensando nisso, mas daí eu acabei entrando em outras coisas aqui, em outras dinâmicas e não tinha consultado nem a Vera, nem a Beth, sobre essa ideia, e eu decidi consultar meio em cima da hora, assim, foi na sexta-feira ou no fim de semana, e eu falei para elas que... Propus isso para elas, chamar a Katia, e a Vera respondeu logo que topava e a Beth não respondeu. E passou o final de semana e chegou na segunda-feira ela foi responder e falou, “nossa, eu me dei conta de que eu não respondi. Pra mim tudo bem também, acho muito bom chamar a Katia”, e tal, e aí ela falou, “bom, já que o processo ficou travado porque eu não respondi, eu me proponho a falar com ela”. Até a gente falou, bom, não sei, talvez não role da Katia poder ir hoje porque está muito em cima da hora, mas deu tudo certo e eu fiquei muito contente porque eu percebi que a Katia, percebi que cuidou dela também, foi uma coisa, foi um pedido que ela aceitou com alegria e é sempre muito bom quando a gente tem os pedidos aceitos dessa forma. Enfim, a gente foi e tinha bem menos mulheres, por volta de 44, eu acho, é, porque a gente acabou formando quatro grupos de doze pessoas. Então, nós dividimos as mulheres em quatro grupos e cada uma de nós ficou em um dos grupos. Não, tinha menos, nós dividimos em três grupos, na verdade, de doze pessoas, então tinha 36, e daí a Katia ficou com a Vera num grupo, a Beth ficou em outro grupo e eu fiquei em outro, e a proposta era uma proposta mesmo como a das Rodas de Empatia, era só escutar o que fosse aparecendo ali nas falas daquelas mulheres, e a Bete, que é uma outra Bete, que foi a pessoa que me chamou para o projeto, ela ficou meio passando pelos grupos, e tal, e fazendo um papel meio de polinização. Então, foi uma dinâmica bem interessante que aconteceu lá, eu acho, a gente começou fazendo um check-in em duplas para já trazer essa ideia de escuta e eu fiquei bastante satisfeita com a dinâmica que se estabeleceu, e daí eu fiquei pensando muito nisso enquanto eu te ouvia falar da diversidade, dessa diversidade real, porque é um baita de um desafio, muitas das mulheres que estão lá são evangélicas, eu fui meio tensa porque eu imaginava que talvez, como a gente falou na semana passada, que alguma coisa da eleição pudesse surgir lá, mas ficou claro para mim que essas pessoas já estão vivendo de uma forma tão desafiadora que para elas é meio irrelevante quem está no poder, porque a vida já estão tão, a vida desafia tanto, já é tão complicada, e elas já estão vivendo esse risco todo que a gente olha como sendo um risco iminente às nossas vidas, à nossa liberdade, às nossas escolhas, e essas pessoas já estão vivendo isso meio que desde sempre, a maior parte de mulheres negras e mães-solo, chefes de família e, como eu falei, muitas delas evangélicas, então o discurso religioso sempre aparece, apesar da proposta da roda ser sempre, “ah, não vamos dar conselhos, dar dicas, dar sugestões, fazer críticas”, mas sempre tem alguém que traz essa coisa do discurso religioso, e tal. E é um desafio se manter ali ouvindo e escutando o que tem por baixo desse discurso. Pensei uma coisa aqui que me fugiu, deixa eu ver se retomo... Não, fugiu, vamos ver se volta. Eu estava pensando especificamente no grupo... Ah, lembrei! E daí que um

dos combinados que a gente fez e que eu percebi, conversando depois com as outras anfitriãs, que serviu bem foi usar as “perguntas mágicas” dos Círculos Restaurativos quando essas falas surgem, que são: “O que você ouviu ela falar?” e “Foi isso que você quis dizer?”, e várias vezes eu recorri a isso durante as falas, porque... Tinha uma moça muito jovem que começou a falar... No começo rolou um desconforto, até uma certa desconfiança, o que eu acho que é super natural acontecer, porque realmente são pessoas que não têm espaço de escuta e que não têm o hábito de serem ouvidas, especialmente com a possibilidade de se colocarem com tanta verdade. E aí rolou um desconforto inicial de elas não quererem muito bem falar, de ficar meio hesitando... Na hora das duplas não, na hora de contar como elas estavam em duplas, não, elas se colocaram muito disponíveis para falar de como elas estavam naquele momento, mas na hora de abrir para a roda teve aquele momento meio desconfortável de início, uma olhando para a outra, “quem vai falar, quem vai falar”, e nesse momento uma das moças, que foi depois a que acabou falando mais, ela olhou para uma colega que estava na roda e disse: “Você quer falar? Você está triste, eu estou vendo que você está triste”, e essa moça falou, só fez que não com a cabeça e depois falou, “É, eu estou triste, mas não quero falar não”, e ainda teve uma insistenzinha, “não, pode falar, pode falar que a gente vai se escutar”, e ela disse que preferia não falar. Então essa moça que tinha feito o convite para a outra falar começou falando dela, da relação dela com o marido, uma moça super nova, e da relação com o marido ela veio a falar das situações de violência e abuso que ela sofreu em casa, do fato de ter sido estuprada por um tio e ela começou a dizer que contou para a mãe dela, mas que queria contar para o pai, ela não convive com o pai, ela conhece o pai, foi criada pela mãe, mas tem um certo contato com ele, e ela disse, “eu queria contar para o meu pai, mas na verdade eu queria contar para o meu pai porque eu quero saber se meu pai sabia, e se ele sabia, porque ele não fez nada”. Isso é muito forte, não é, muito forte e muito... Porque é recorrente, essa coisa do... Foi uma fala que reverberou por todas elas, dava para perceber que tinha um entendimento do que ela estava falando, uma experiência compartilhada, mesmo que as outras mulheres não tivessem passado por uma experiência de abuso elas sabem do que a outra estava falando, elas sabem com muita propriedade do que a outra estava falando. Então ela falou, e falou bastante, e assim, com uma serenidade, até, uma dignidade, uma dignidade muito bonita de testemunhar: “Eu gostaria de saber, de perguntar para o meu pai se ele sabia e, se ele disser que sabia, eu queria saber porque foi que ele não fez nada”. Inclusive esse tio já é falecido, e talvez isso também tenha dado para ela uma certa segurança de poder falar sobre o assunto. Nós ficamos ouvindo durante um longo tempo; uma outra mulher mais velha que se colocou como muito religiosa, todas as falas dela vinham desse lugar da religião, então, enquanto o discurso da mais nova era em torno da relação desafiadora com o marido, porque ela disse que o marido era muito grosso, fala muito alto, enfim... Mas, em nenhum momento ela falou que o marido é violento com ela, a reclamação dela é de que o marido é ignorante, ela falou, “ele é ignorante”, e a outra, essa mais velha e mais religiosa sempre falando da religião, de alguma forma trazendo essa questão da importância da mulher cuidar, essa coisa do cuidado da mulher, de como o cuidado da mulher é fundamental, é o papel, como dentro desse paradigma o papel da mulher é o cuidado. Isso começou no início a me incomodar e, a partir desse incomodo, eu comecei a buscar ouvir muito mais o que estava por baixo dessa fala dela, e ela trouxe muito mais uma questão com a mãe, um conflito com a mãe, uma convivência muito difícil, me pareceu, ela não falou, mas me pareceu que a mãe tem alguma questão de precisar de um cuidado um pouco mais intenso, e ela vive com a mãe, e ela falou que existe um atrito entre as duas porque a mãe não é evangélica e ela é, então a mãe fica criticando a postura dela mas, ao mesmo tempo, também trazendo uma coisa de um aprendizado, de ter aprendido de alguma forma a ouvir também do que essa mãe precisa, do que essa mãe está falando. Então, ficou mais suave ouvi-la, quando foi possível

limpar um pouco o campo de todas essas convenções religiosas, todas essas coisas moralizantes, “ah, a gente precisa amar porque é o marido, porque é a mãe, porque Deus mandou”. Quando a gente consegue limpar o campo de todas essas convenções todas o que apareceu ali por baixo foi uma construção bonita da relação dela com essa mãe, a partir de uma escuta que, inclusive, contempla essa diferença de opinião. Num momento ela disse, “eu entendi que a crença da minha mãe é diferente da minha e isso não vai fazer com que eu deixe de acreditar no que eu acredito e também não me dá o direito de exigir que ela acredite na mesma coisa que eu”, eu achei uma fala bonita, não foi exatamente nessas palavras, mas foi esse o conteúdo da fala. E daí, quando essa outra moça começou a contar a história de abuso dela a escuta, a coisa da escuta deu uma engrossada, ficou muito mais consistente, a atenção das outras era muito evidente, estava todo mundo prestando muita atenção, e pararam de ter essas intervenções, especialmente dessa mulher que estava o tempo inteiro trazendo essas intervenções na forma de conselhos e julgamentos. Parou, ficou aquele silêncio e todo mundo muito focada na escuta dela e foi uma coisa bonita, me trouxe muita satisfação de perceber o poder desse espaço, de sustentar esse espaço de escuta, eu celebrei muito ter conseguido sustentar ali e ser bastante clara e insistente na coisa da escuta como... Da escuta empática, sem precisar ficar dando aulinha e falando o que é que a gente ia fazer ou não ia fazer, mas perceber que quando a gente consegue criar e sustentar esse campo da escuta empática ele reverbera ali, ele fica presente, essa é uma experiência que eu tenho tido e que é sempre bastante poderosa. E no finalzinho, a gente já estava no... sei lá, faltavam quinze minutos, nem isso, dez minutos para acabar, aquela moça que tinha sido convidada a falar e tinha dito que preferia não falar, ela resolveu falar. E foi uma fala, nossa, muito mobilizadora, porque ela trouxe a questão do filho dela mais novo que não é acolhido pelo pai, o pai maltrata ele, maltrata com palavras, o menino tem doze anos, o pai tem uma oficina mecânica, trabalha como mecânico e quer que o menino vá trabalhar com ele, acha bobagem que o menino estude porque ele acha que o menino tem que trabalhar na oficina desde já e o menino não quer, ou pelo menos não quer o tempo todo estar lá, não quer assumir já um trabalho, ele quer viver ainda o final da vida de criança dele, pelo que ela falou, e por isso acaba sofrendo muitas críticas e agressões verbais do pai. E ela, muito triste com isso, chorou bastante, e a fala dela era, “eu não quero que meu filho vire bandido”. Ela teme que essa reação do pai, essas agressões do pai façam com que o menino reaja de uma forma, porque ele já falou em sair de casa, em fugir, e ela fica com muito medo que isso aconteça. Uma moça muito jovem, mas já com uma filha de 18, com três filhos já, a filha mais velha tem 18 anos, ela deve ter, sei lá, uns 35, quando muito, e estava muito tocada por tudo o que ela ouviu e o que me pareceu foi que ela se sentiu confiante para poder dizer o que ela está vivendo e como foi... É, poder dizer, apesar dela saber que não ia ter solução, porque não era essa a proposta, a proposta não é resolver a vida de ninguém, mas o simples fato dela poder falar daquilo, me pareceu que ela não tinha espaço e naquele ambiente, especialmente depois dela ter ouvido a outra falar com tanta franqueza, ela se sentiu também confiante para poder falar. E ela falou, foi acolhida por todas as outras, e no final ela veio abraçar a gente, depois que todas as outras tinham ido embora veio me abraçar, abraçou a todas nós, agradeceu, e já estava com outro semblante, não estava mais com aquela cara fechada, estava sorrindo, agradeceu e disse que na próxima vai estar novamente com a gente, e isso, eu ouvi depois, a gente não teve oportunidade de sentar para falar a respeito ainda, eu com as outras três anfitriãs, mas o que a gente conseguiu depois se encontrar e falar foi que isso meio que se repetiu nos outros dois grupos, essa possibilidade da criação desse campo de escuta e da gente ficar ali sustentando. Acho que isso é uma das coisas que eu mais celebro nesse trabalho, não ter o impulso de fazer coisas, não sentir necessário que a gente, como anfitriãs, faça alguma coisa além de escutar e de sustentar o campo de escuta. Não que isso seja algo muito fácil de fazer, é desafiador, mas

essa consciência de que a gente está lá para ouvir e para facilitar que as outras pessoas se escutem traz, eu acho, uma leveza e, ao mesmo tempo, uma sensação de uma humildade profunda que, para mim, é muito bonita de viver. É mais profundo do que bonito, é fundamental, essa experiência de, “tá, eu não sei nada da vida das pessoas além daquilo que elas me contam” e é um presente cada vez que alguém me conta o que está vivendo com esse grau de confiança, e é sempre meio impressionante pra mim perceber como é rápido abrir esse campo de confiança quando a escuta é legitimamente empática. Sei lá, foi a segunda vez que a gente se encontra com essas mulheres, a primeira vez foi um encontro bastante superficial e já foi possível chegar nesse grau de confiança e de entrega que aconteceu no meu grupo e que aconteceu nos outros grupos também, de virem histórias muito graves, de fatos que estão causando muito sofrimento para essas mulheres. A celebração deste momento que está viva aqui para mim é essa constatação de que é poderoso, é poderosa essa coisa da escuta empática mesmo e da criação desse campo de confiança, tem uma coisa que me intriga e me agrada, isso que a gente chama de *rappport* na terapia, ou de aliança terapêutica, como é que isso se dá tão rápido, e a minha aposta é que é a proposta da escuta empática estrita mesmo, essa disponibilidade, “olha, eu estou aqui para te escutar, venha o que vier eu estou aqui testemunhando a tua dor, testemunhando aquilo que você está trazendo e não vou te julgar por causa disso”. Então, é isso. Vou ficar por aqui e vou te pedir se você quer me dizer o que você ouviu eu falar.

ESCUA 26/11/2018

A gente vai ter o último encontro hoje, do ano, porque a última segunda feira de dezembro já é dia 31, então... A gente até tinha cogitado fazer um encontro no meio do mês, assim, mas estamos todas tão cheias de coisas para finalizar que a gente optou por deixar esse como último encontro do ano. Então, a gente vai fazer um encontro de celebração, a ideia é fazer uma coisa mais celebratória mesmo, fazer uma dança, fazer algo mais corporal, e daí fazer mesmo uma roda de celebração daquilo que foi... é, procurando puxar mesmo para esse lugar de uma... de olhar para aquilo que foi bom durante o ano na vida delas. Então, eu estou bem tranquila hoje, com uma sensação muito boa, de estar muito bem acompanhada, sabe? Eu acho que, pra mim, chamar a Katia pra participar também, deu uma equilibrada, não sei, alguma coisa chegou no lugar, assim, tendo a companhia dela também. Não sei se... Talvez, pra mim, tenha a ver com o fato de que provavelmente eu não esteja participando das rodas aqui, pelo menos não de todas. Eu não sei se a proposta continua no ano que vem, porque a gente depende também da diretoria da escola, depende da coordenação, então eu ainda não tenho nem uma ideia se vai continuar, se não vai continuar. Eu me percebo com vontade de que continue, mas eu não sei se dou conta de estar aqui, especialmente porque eu não tenho a menor noção de como vai ser o calendário das aulas lá, de como vai ser a exigência de dedicação do mestrado às aulas. O que eu sei é que uma vez ao mês tem o que eles chamam de concentrado, que é... São três dias seguidos a tarde, quarta, quinta e sexta, onde todas as pessoas do programa se encontram, achei bem legal isso, mestrandos, doutorandos, pós-doutorandos, orientadores, ex-alunos, todas as pessoas se encontram pra falar sobre os projetos, pra ler juntos, é um grupo de estudos e leitura, e pra apresentar os projetos, as pesquisas em andamento. E uma vez a cada dois meses isso acontece aqui em São Paulo, eles têm uma ligação com um laboratório, com um programa aqui na saúde pública da USP. Então, acontece um mês no Rio esse encontro e um mês aqui em São Paulo, o que eu acho bem legal, porque aí eu venho pra cá, estendo minha estada, porque eu estava imaginando que vir aqui pra São Paulo seria possível vir só aos finais de semana e passar um final de semana só, mas me parece que, como é de dois em dois meses, eu consigo dar uma esticadinha e talvez dê pra fazer alguma coisa, mas eu também quero me investigar se eu vou

ter pique, porque eu vou continuar atendendo, né, eu não tenho como parar de atender porque é minha sustentação financeira, é o que vai possibilitar minha ida pra lá. E eu quero me cuidar um pouco pra não pegar mais coisas do que eu dou conta, sabe, eu vejo muito essa tendência em mim, de me comprometer com muitas, muitas, muitas coisas, porque eu fico com vontade, eu fico curiosa pra fazer, eu fico animada, só que aí eu me comprometo mesmo, eu me descuido. E aí eu estou querendo muito refletir bastante sobre como eu quero usar meu tempo, porque vai ser um trabalho complexo de reexaminar todas as anotações que eu venho fazendo sobre esses trabalhos que eu venho fazendo, de relatar, reescrever, investigar. E eu tou, percebo também uma, uma, um enlutamento, assim, de uma finalização... Não é exatamente uma finalização, mas uma outra etapa de vida, eu acho. Eu fico pensando aqui se eu vou dar conta de ficar só na investigação e muito menos na prática, e eu acho que não, até porque, pra mim, é importante sustentar essa prática dos Círculos. Então, não sei, talvez eu me organize mesmo pra conseguir, pelo menos um mês sim, um mês não, participar de uma Roda aqui em São Paulo ou iniciar alguma no Rio, iniciar alguma coisa no Rio também. Mas, assim, eu estou bem... Estou curiosa agora pra pegar esse material, pra olhar os registros que eu tenho... Eu até preciso pegar meu celular antigo pra tentar acessar o WhatsApp por ele, pra tentar... Porque ele era um iPhone, e as mensagens que eu tinha no WhatsApp no iPhone sumiram todas, mas elas estão lá, eu não sei, não sei como funciona muito bem, pelo iPhone eu consigo acessar as trocas de escuta que a gente fez, que eu gravei, e eu quero fazer toda essa compilação, e tal. Mas eu ainda estou numa coisa meio esquisita, assim, de uma suspensão, sabe? Uma... uma... não sei como definir isso, se é uma resistência, ou uma entrega. Eu não estou querendo começar a tomar decisões antes do dia 7, que é quando sai o resultado definitivo. Então, eu não estou querendo começar a fazer coisas, estou me permitindo ficar mesmo nessa suspensão, apesar de eu ter praticamente certeza de que foi, mas eu me percebo resistindo, assim, não sei muito bem porquê, não sei se tem a ver com um receio de, no final das contas, não rolar e eu ficar decepcionada, ou de tomar algumas decisões precipitadas e que depois vão ser... Acho que tem a ver com isso também. Ao mesmo tempo em que eu estou já tendo várias conversas, eu estou já direcionando as coisas pra como, como vai ser o ano que vem lá.

Deixa eu pensar o que mais que eu quero falar... (risos) [fala da Joana no mudo]

Ah, se você quiser, eu quero, pode me ajudar a achar outras coisas [fala da Joana no mudo]

Acho que está mesmo nessa fase de organização dos caminhos possíveis e, ao mesmo tempo, de colher dados de realidade. Então, eu não estou só planejando e deixando na minha cabeça, até pra não correr o risco de: "ah, eu planejei tudo e na hora de por o projeto, o plano no mundo não dá certo porque, enfim, as circunstâncias..." E têm acontecido algumas coisas bastante surpreendentes nesse sentido, na forma pela qual meus filhos estão se organizando, por exemplo. Mas o que me deu vontade de enquanto eu te escutava, é que eu fiquei muito animada de ouvir do orientador um entusiasmo, mesmo, pelo projeto. Me pareceu... Ele falou, né, ele e a coorientadora, foram duas pessoas que em entrevistaram, ambos disseram que o projeto interessa muito ao programa, especialmente pela questão da não-violência. Ele falou que isso é uma coisa que eles estão há algum tempo querendo levar para o Universidade, a não-violência, e que agora isso está se impondo de uma forma que, nas palavras dele, agora a gente está vivendo uma violência institucionalizada, né, pelas questões do novo governo, e tal. Então, ele trouxe, ele falou algumas vezes da não-violência, ele imagina que vai ser uma contribuição valiosa pro programa, e eu fiquei muito animada com isso porque me preencheu de propósito. Me parece, assim, que cresceu, virou outra coisa, deixa de ser algo que eu estou fazendo pro meu benefício ou porque eu tou a fim, ou porque eu gosto de estudar, uma piração pessoal,

porque eu tou a fim de ficar estudando, e passa a ser a possibilidade de contribuir com algo maior, e eu percebo o quanto isso me move, essa possibilidade de contribuir, e ai me veio mesmo essa sensação de que, nossa, acho que eu estou... Encontrei o lugar certo. Por isso que eu fui procurar, pela interlocução, pela companhia, pela possibilidade de olhar com companhia para essas questões todas e eu me senti bastante... Eu senti o projeto bastante acolhido, bastante valorizado, foi gostoso perceber isso. Já encontrei bastante companhia. Tem a ver bastante com isso sim [sentido]. Acho que multiplicar [o sentido] é uma palavra boa, é como se tivesse soltado outros bracinhos, a imagem que me veio é de algo que vai soltando bracinhos, raízes, não sei, pra outros lugares, e não sei, inclusive possa chegar a lugares que eu não esperava. Parece que ganhou um outro corpo, que esse trabalho pode abrir possibilidade pra outras investigações que vão ser bastante importantes também, e ai me deu uma confiança de que, nossa, que legal, acho que isso vai ser legal mesmo, estar aqui fazendo isso, tem uma nova, novas camadas de sentido.

[Joana: daí eu escutei uma outra coisa ao te escutar falar isso, acho importante colocar, que eu te escutei também falar que você quer cuidar de ter uma qualidade de tempo e reflexão pra viver esse processo, então segurar esse campo de fazer outras coisas]

Isso, eu quero me distrair o mínimo possível, exatamente por olhar pra isso e falar, nossa, acho que tem coisas muito importantes para serem olhadas com muito cuidado e muita atenção, eu não quero me distrair e eu percebo em mim essa tendência de querer, da curiosidade, da vontade de fazer mesmo, de colocar coisas no mundo, essa tendência de me distrair, e ai eu quero cuidar pra manter o foco. Claro, não vou deixar de fazer tudo, mas tem uma questão de prioridades mesmo e até de um desgaste, de um desgaste físico, de um desgaste emocional, porque se eu me comprometo, por exemplo, a sustentar projetos aqui em São Paulo, eu me comprometo a estar aqui com uma certa regularidade, e ainda que eu queira, que eu vá fazer isso porque eu quero estar com meus filhos, e tal, eu não quero que isso seja uma obrigação. Então, eu preciso me cuidar nesse sentido também, cuidar inclusive desse desgaste físico, porque essas idas e vindas pra lá nesse último mês e meio, estão me cansando bastante, especialmente porque eu não consegui ir nenhuma vez de avião, eu estava indo usando minhas milhas, e tal, mas agora o negócio está esquisitíssimo, você precisa de muitas milhas, os voos estão muito caros, e é cansativo ficar em trânsito, é cansativo. É, eu estando lá instalada, morando em algum lugar e tendo minha casa aqui eu acho que isso diminui um pouco, porque pelo menos eu tenho onde descansar, mas, de qualquer forma, estar em trânsito é cansativo. Então, eu quero prestar atenção nisso. Acho que esse talvez seja, pra mim, um foco importante de atenção no meu autocuidado durante esse processo todo e de que forma, a partir desse autocuidado, eu consigo cuidar da investigação, cuidar da dedicação para a pesquisa, cuidar, ah, enfim, todos esses cuidados ai, me cuidar financeiramente também. Eu quero resguardar uma escolha mais ampla, assim, esse mês eu não quero ir na primeira semana, eu quero ir na terceira e se eu tiver um compromisso aqui fica aquela coisa, eu tenho que ir ou romper o compromisso, o que pra mim também é delicado, eu não, não é algo que é confortável pra mim, por mais cuidadoso que seja, que eu tente fazer com que o processo seja, mas não é confortável pra mim, é um desgaste emocional. Então, eu quero cuidar dessas coisas sim. Eu acho que já estou satisfeita e que posso te escutar, se você quiser.

ESCU TA 03/12/2018

Abriu, pronto, vamos lá, está gravando. Hoje, então, eu te contei, né, que na semana passada não teve, que a gente foi até lá, na verdade... Fomos até lá e quando chegamos lá estava tendo um outro evento, um evento de encerramento, um evento com as crianças e com as famílias, os

alunos da Campos Salles e as famílias, no mesmo espaço em que a gente costuma fazer. Ai, e foi curioso porque assim que a gente chegou no portão eu falei, caramba, eu esqueci, esquecemos de checar se estava tudo certo pra hoje, se elas lembravam que era hoje, né, e ai todo mundo, “nossa, é mesmo, a gente esqueceu de checar”... Não que isso fosse um combinado prévio, mas a gente estava meio que fazendo isso das outras vezes, e ai eu confiei, porque na última vez em que a gente esteve lá a gente reforçou que seria sempre na última segunda-feira do mês, então, pra mim, já estava meio que previamente combinado e, nessa maluquice de estar fazendo um monte de coisas eu acabei não checando. E daí chegamos lá e, de fato, estava tendo outro evento e a gente ficou meio, assim, tá, e agora, como é que faz? E ai eu mandei, a gente tem um grupo com nós quatro e as pessoas de lá, então eu mandei um whatsapp pra elas falando, olha, a gente está aqui, mas está tendo um evento no espaço e a gente queria saber se vai ter mesmo o encontro e em que espaço vai ser. Ai a Laila, que é a coordenadora do CEU, respondeu, “nossa, esqueci completamente que era hoje” e não sei o quê, e em seguida a Bete, que é a nossa ponte lá, também respondeu, “nossa, esqueci completamente, eu estou toda atrapalhada corrigindo prova hoje e nem poderia ir”. E a Laila respondeu já, “não, mas eu já estou entrando em contato, procurem a Rosângela que a Rosângela vai resolver isso” e a gente começou a conversar entre nós quatro, assim, resolver como? Várias das alunas da EJA a gente viu que estavam lá no evento, e a Rosângela, que era a pessoa, o contato lá dentro do prédio teria que arrumar o espaço, mobilizar todas as alunas, quer dizer, provavelmente as alunas nem teriam aula naquele dia, né? E ai a gente falou, bom, acho que não vai rolar, não vai rolar isso, porque organizar assim em cima da hora, achar um outro lugar, ir atrás de todas as alunas, até isso acontecer já acabou o horário, porque até a gente chegar, descobrir que estava acontecendo o evento, escrever para a Laila e a Bete e elas responderem, já era tipo oito e meia da noite, né, e o encontro acaba as nove e meia. Ai nós descemos, eu desci com a Vera para falar com a Rosângela e a gente combinou entre nós, falamos assim, “tá, então a gente não faz hoje, a gente vê da possibilidade de fazer na semana que vem”, e as quatro topamos. E a gente foi, desceu pra falar com a Rosângela, e deu pra perceber a cara de alívio dela, sabe, na hora em que eu falei pra ela, “então, a gente decidiu que não vai fazer, porque a gente percebeu que é inviável”, e ela deu uma relaxada, sabe, porque eu percebi que na hora que a gente desceu pra falar com ela que ela estava tensa e, de fato, logo em seguida ela foi embora. Então, provavelmente ela já estava no horário dela ir embora e fazer, cuidar de reorganizar tudo muito em cima, muito ali no momento iria provavelmente atrapalhar o horário dela, fazer com que ela tivesse que ficar além do horário, e tal, então eu fiquei bem contente, bem satisfeita, com a gente ter decidido não seguir em frente, ter percebido que seria um... Que, naquele momento, seguir a programação não seria legal pra ninguém.

ESCUA 10/12/2018

Pronto. Na verdade, eu não estou exatamente estruturada, mas acho que estou pronta para começar, porque... Porque eu me percebi querendo fugir da escuta. Num momento eu me percebi assim... Nossa, não sei se dou conta, mas dai eu resolvi encarar o desafio e seguir em frente e investigar o porquê também, né? Na verdade, eu tenho minhas suspeitas sobre porque eu estou querendo fugir, mas, enfim... O que eu estou percebendo acontecer comigo é que essas experiências que eu tenho vivido e das quais falei pra você ontem brevemente, sobre não estar conseguindo celebrar essas coisas boas que estão acontecendo na minha vida recentemente, de estar muito desafiador acessar essa alegria, eu comecei me dar conta com muita força de que isso tem a ver com questões que são muito sistêmicas. Eu até escrevi aqui, eu escrevi, estou

tendo uma escuta da Aline pra isso, a gente tinha começado a conversar e surgiu assunto semelhante e ela me perguntou se eu queria escuta, e aí eu tinha escrito esse texto hoje de manhã. Eu vou ler ele para você, pode ser?

Eu me vi na sexta-feira, depois de confirmar que tinha entrado no programa, não conseguindo celebrar e ficando bem surpresa por isso. Daí eu me dei conta de que estava vivendo quase que um luto de um luto: a dor de perceber que eu não conseguia celebrar porque eu estava lamentando as dores (interrompido). São coisas nas quais eu não acredito racionalmente, mas que estão tão arraigadas que atuam mesmo sem que eu perceba, desde a “síndrome da impostora”, achar que eu não mereço estar recebendo coisas pelas quais eu não tive que me esforçar, um sentimento de menos valor, culpa por deixar meus filhos para ir cuidar da minha vida, até me julgar como velha demais para querer certas coisas. E todos esses sentimentos se intrometem em vários aspectos da vida, inclusive nos relacionamentos de amizade e amorosos. É um esforço constante eu ficar me lembrando que não acredito nisso e eu preciso de muito apoio para me lembrar. E tem muita tristeza por saber, através das mulheres com quem eu trabalho, que essas dores são tão compartilhadas. É, curiosamente, essa mesma tristeza que me motiva a continuar fazendo o que eu faço, escutando mulheres e seus lutos e a aprofundar ainda mais essas investigações.

E aí eu comecei a acessar isso e o que tem em comum com o trabalho que eu estou fazendo, especialmente relacionado com o recorte, que é o trabalho dos Círculos, mas com todo esse trabalho de escuta de mulheres que é, basicamente, o que eu estou fazendo na vida. E o quanto eu tenho observado e ouvido, especialmente, esse lugar de uma invisibilidade das mulheres mais velhas, que é, assim... É como se a gente... É... Quando a gente chega numa determinada idade, que eu não sei muito bem qual é, mas, sei lá, depois dos 45, dos 40, talvez... Dos 45, vai. Naqueles momentos em que a gente... Pra mim o que está doendo muito, eu me dei conta, é que eu estou me sentindo num momento, talvez no momento mais potente da minha vida, em vários sentidos, tanto emocionalmente, então estou me sentindo extremamente em contato com minhas próprias emoções, capaz de olhar para elas e de entender o que elas estão querendo me dizer, e de não me deixar... uma coisa de um, de um não me deixar tomar pelas emoções mais e não ficar aquela coisa... Mas sim conseguir uma... um diálogo com essas emoções, mesmo quando elas são muito doídas. Tem uma coisa da potência intelectual, de estar percebendo que fica mais fácil fazer certas conexões de sentido entre as coisas, entre as várias coisas que eu fui colhendo, as várias informações que eu fui colhendo ao longo da vida, agora elas começam a se entretecer de um jeito muito legal, eu me vejo fazendo conexões e relações aparentemente díspares, mas que na hora em que elas conectam, faz muito sentido. Até essa percepção de que, de alguma forma, eu me libertei dos padrões de beleza. Eu olho para mim e me vejo como uma mulher bonita e durante muito tempo da minha vida, quase toda a minha vida, eu briguei o tempo inteiro com o meu peso. Tinha uma coisa de uma autoestima que, em muitos momentos, foi destruída. E aí demorou muito tempo para eu reconstruir e agora eu me vejo gostando do meu corpo, me vejo com vontade de aparecer, com vontade de estar no mundo, eu me vejo com uma potência e com um brilho, e eu não consigo sentir espaço para isso. É quase como se, depois de uma certa idade, quando a gente aparece e brilha, como uma mulher mais velha, a gente é taxada de opressora. Parece assim: “ah, o seu tempo já passou. Agora é hora de dar espaço para as mulheres mais jovens, para quem está inventando a roda de novo, para quem está fazendo coisas muito legais...” Mas, assim: acontece que meu tempo é agora. Eu vejo o meu tempo como sendo agora, sabe? Aquele... Lembrei da Hannah Gadsby agora, quando ela fala ali no... Você assistiu na Netflix? Tem um momento em que ela fala, quando ela fala do Picasso e dos homens que se relacionam com mulheres muito jovens e

alguém, não lembro quem foi, se foi o próprio Picasso quem falou... Não, foi algum escritor que falou, “ela, com 17 anos, estava no *prime*”, né? E é assim que eu me sinto agora, agora eu estou nesse *prime*, ali no ponto em que eu me vejo com mais potência, só que eu não tenho espaço no mundo pra isso, porque eu sou vista como alguém, ou eu me percebo vista como alguém cujo tempo já passou. E aí, para embolar todo o meio de campo, eu estava olhando o Facebook e aparece uma foto ali de um “Conselho das Treze Anciãs” e nenhuma delas tem mais do que 35 anos (risos). E daí eu fiquei pensando, “oi, como assim? O que que essas pessoas estão chamando de... Por que que elas estão se denominando anciãs?” E aí isso me pegou muito forte, porque esse luto, que é... é... Sei lá, tem um luto de ser mulher que vai a vida inteira, ele vai mudando de sabor, mas ele não vai embora nunca. Todas as mulheres que eu ouço, de todas as faixas etárias, todas elas têm lutos para serem vividos em relação ao que é ser mulher nesse mundo patriarcal. E aí me parece uma dor tão gigante e tão paralisante, porque eu me vejo nesse movimento de, algumas vezes, me render a ela, sem nem perceber. E eu sou uma pessoa que estou, ativamente, há anos investigando isso. E aí eu fico pensando, e as mulheres que não fazem, que não têm oportunidade de fazer isso? Como elas convivem, como é que a gente convive coletivamente, não é? A gente faz de conta que não existe e a gente vai se castigando, vai se punindo, vai ficando deprimida, vai ficando ansiosa, vai apresentando uma série de sintomas psicológicos, psiquiátricos quando, na verdade, o fundo de tudo isso talvez esteja num luto que não está sendo vivido. E pensar, olhar para isso desse jeito, é dolorido porque me dá essa sensação, nossa, é muita coisa, é muita coisa. Ontem, a gente fez no básico um exercício de auto-empatia que... sozinha, não é, no papel, no “zig-zag”, e daí o Dom sugeriu que a gente pensasse... Ah, eu não lembro nem qual era a instrução, a chamada do exercício, mas, enfim, era pra gente fazer um exercício de auto-empatia em relação a algo que estava doendo pra gente, e aí eu comecei a fazer algo... Eu estou aqui meio relutando porque estou pensando se vou lá pegar o papel, porque eu não estou lembrando muito bem, mas, enfim, eu comecei a fazer algo lamentando aspectos da minha relação com ele, e aquilo começou a desdobrar em tanta coisa, em tanta coisa que, passaram os dez minutos e eu falei assim: “não, eu preciso de mais duas horas, no mínimo”. E aí, quando ele perguntou como foi, eu falei na roda, eu falei, “olha, pra mim piorou muito” (risos), e ele ficou surpreso, e eu falei assim, “não, não é... Piorou porque eu percebi que essa questão com a qual eu comecei a empatizar começou a se desdobrar em muitas outras, começou a virar outras falas que precisam de empatia também”. E aí eu comecei a ficar meio perdida ali, porque, o que eu ouvia? O que eu estava... Não tinha, eu não conseguia, naquele momento, priorizar a fala que seria mais, que estava mais prenha lá, mais brilhante, porque todas elas estavam ali, disputando minha atenção. E eu nem sei direito porque eu estou contando essa história, mas eu acho que tem a ver com isso, com como eu estou valorizando esse espaço, esses espaços mesmo de empatia, porque a gente vai precisar viver esse luto, não vai ter jeito. Se a gente quer superar, se a gente quer destruir o patriarcado, a gente vai precisar entender como ele atua na gente e entender como ele atua é, necessariamente, entrar em contato com as dores que ele provoca na gente. E me dá vontade de continuar fazendo isso, e continuar proporcionando esses espaços, apesar de eu reconhecer que eu vou precisar talvez de muito mais apoio do que eu imaginava. E, ao mesmo tempo, perceber, nossa, mas dá pra fazer, sabe, dá pra montar esses sistemas, tem pessoas, eu consigo pensar assim, de pronto, se eu sentar agora e começar a fazer uma lista, talvez eu consiga umas vinte pessoas já que eu sei que estariam interessadas e provavelmente disponíveis a integrar um sistema de apoio, então me dá também um alento. Tem uma coisa também de celebrar essas... Ah, sei lá, eu acessei uma celebração muito grande pelo que as meninas estão fazendo no percurso, sabe, durante o básico. Foi muito bom ter ido por causa disso também, porque eu

consegui acessar uma gratidão muito grande porque isso que elas estão fazendo realmente está sendo muito legal, porque foi muito diferente esse básico dos anteriores.

[...]

E isso me dá um alento, me dá uma animação para eu continuar fazendo o que estou fazendo, mas me aponta também alguns riscos, porque eu me percebo muito desvitalizada e eu vou vendo a minha energia acabando, porque não estou encontrando espaços de celebração e de alegria e essa energia vai baixando e eu vou perdendo a vontade de fazer as coisas, e isso é um risco pra mim, um risco muito grande para o qual eu olho e penso, está muito fácil chegar a um ponto em que eu posso ser seduzida a surfar no privilégio, sabe? Tipo assim, ah, vou mandar tudo isso à merda e vou passar o resto da minha vida à beira-mar fazendo dança circular e... Para que eu estou me colocando nesse grau de risco e de vulnerabilidade? E... é, eu fico olhando para isso, eu não quero ser seduzida por isso, porque eu vejo a importância mesmo de criar, de ter esses espaços, e eu vejo a minha disponibilidade para fazer isso, a minha disponibilidade e o meu preparo também, o meu percurso contribuindo para sustentar esses espaços, e aí eu fico com uma sensação de que não quero desperdiçar isso, não quero, não quero deixar para lá, pelo contrário. E isso é paradoxal, não é, porque faz... Me ajuda a acessar a celebração porque eu começo a olhar para o mestrado como algo que tem um outro sentido, que é o de me apoiar de alguma forma que eu ainda não sei muito bem, mas que eu suspeito, como a gente já falou algumas vezes, que tem a ver com interlocução e com companhia e com uma certa visibilidade que a instituição dá, não é? Eu acho que isso pode ser um apoio... Eu estou intuindo que vai ser um apoio importante e aí começa a retroalimentar, não é, e aí dá mais vontade de fazer, e dá vontade de aprofundar... Ontem eu tive uma conversa muito legal com a Moema, a Moema... Ela é de Porto Alegre e é professora de escrita criativa, ela dá aula de escrita criativa na PUC, ela é escritora, poeta, e tal, e é uma pessoa, assim, incrível, uma pessoa queridíssima, e a gente teve uma conversa longa na hora do almoço sobre o meu projeto e aí ela me... Ela... Ela sacou, assim, sem que eu precisasse falar muito, ela sacou a minha pretensão, que é... Aquilo que eu te falei, que é de escrever algo que não seja para a academia, escrever algo que realmente seja a voz dessas pessoas, seja a manifestação da voz das pessoas que eu estou escutando. E eu vou aproveitar os últimos minutos aqui da nossa escuta para trazer como foi o encerramento dos Círculos na semana passada, que aconteceu.

Foram poucas mulheres, elas estavam acho que em 19, eu acho, além de nós, elas foram diminuindo ao longo do tempo, mas as que estavam lá estavam muito lá, isso que eu achei legal, elas estavam muito presentes. E aí a gente fez algo super simples, que foi uma atividade de corpo, de circular pela sala, caminhar, e encontrar com o olhar, ir encontrando pessoas e, num determinado momento, parava com alguém e fazia um check-in breve com essa pessoa e então fizemos uma fantasia dirigida para acessar os momentos que tinham sido... Os momentos de celebração do ano, os motivos para se celebrar no ano e depois fizemos uma roda de partilha, e aí a gente... A Vera sugeriu e a gente achou legal, e realmente foi legal, a gente trabalhou com um objeto de fala que era uma abayomi, era uma abayomi super bonita que a Katia levou, e foi importante naquele momento trabalhar com um objeto de fala porque todas falaram, mesmo aquelas que a gente imaginava que, que nos outros círculos ficaram mais recolhidas ou que a gente percebeu que ficam constrangidas em falar, talvez porque elas sejam mais novas, não sei, uma série de hipóteses aqui, mas eu percebi isso das mulheres mais novas, tem mulheres mais velhas que são muito mais vocais, e todas falaram, porque, de alguma forma, o objeto de fala deu poder para elas falarem. E uma delas definiu o trabalho. Ela falou assim: "Eu gostei muito, eu estou celebrando porque a gente precisa destes espaços onde a gente pode ter confiança de

que a gente vai falar o que a gente precisa falar, o que está doendo pra nós, que vai ser escutada e que as pessoas não vão sair falando por aí”. Então ela basicamente definiu o trabalho e eu fiquei bem tocada com isso. Era uma moça jovem, e aí começou a rolar ali meio que o início de uma treta racial, curiosamente, entre duas mulheres negras, uma mulher mais velha que tentava desqualificar a luta das pessoas negras e uma moça mais jovem, muito firme na defesa da posição, porque a gente levou a abayomi e aí acabou que muitas delas, a maior parte delas é negra, e acabou emergindo esse assunto. Mas também houve ali a possibilidade delas se escutarem e de saírem daquele lugar do conflito não ouvido. Então, foi, para mim, depois a gente terminou com uma dança, fazendo uma dança circular divertida, porque a ideia foi, já que a gente está falando de celebração, e tal. E foi bonito ouvi-las celebrando coisas, celebrando coisas das vidas delas que aconteceram e agradecendo, deu para sacar que tem uma questão religiosa muito forte lá, evangélica, então quase todas elas começavam agradecendo a Deus, essas coisas, mas, ao mesmo tempo, isso não impediu, não é algo que... As questões religiosas não se impuseram sobre... o que era um receio, inclusive, nosso, por exemplo, a gente vai levar algumas coisas, tipo, puxar uma roda de dança e vai ter gente que não vai querer dançar por questões religiosas, mas não foi o que aconteceu, pelo contrário, elas super curtiram. Levei uma música infantil, que é bem divertida e “facinha” de dançar, e elas super curtiram, e tal, e a gente, e acabou, acho, de uma forma bem... Algumas delas que estão saindo, que acabaram o ensino fundamental, mas as que continuam manifestaram a vontade de continuar tendo os encontros, perguntaram, inclusive, pra nós: “ah, então a gente vai se ver de novo no ano que vem?”. Então, o projeto é continuar, conversei bastante também com a Katia, a Beth e a Vera e elas topam, mesmo que eu não esteja todos os meses, mas eu vou me programar para estar a cada dois meses e para dar apoio para elas de lá, mas eu acho que... Eu tenho muita vontade de continuar porque eu acho que realmente só começou, não é, foi só o cheirinho, a gente teve três encontros. Então, tem uma certa tensão em relação a questões institucionais porque a pessoa que é a nossa ponte ali não estava, ela disse que não iria poder ir, e tal, e eu quero olhar para isso com mais calma, porque, o que acontece que elas estão deixando, tanto ela quanto a coordenadora da própria escola, que se mostrou tão interessada no início, estão deixando a coisa muito na nossa mão, e então a gente vai marcar, ver se em janeiro ou no começo de fevereiro, logo no início das aulas, a gente consegue marcar uma reunião com elas para levar um feedback de como foi o processo, e tal... E agora, falando com você, eu estou pensando talvez na importância de ter alguma coisa escrita, um registro escrito, e tal, talvez já começar a fazer isso para poder ter algo para mostrar, algo mais concreto para mostrar, porque a gente depende delas para continuar. A estrutura de poder está bastante clara, então a gente depende dos acordos com a estrutura de poder ali para poder continuar. É isso.

AÇÕES:

- produzir material para apresentar em reunião com coordenadora da Campos Salles/CEU Heliópolis
- mais apoio – logístico, diversificado, afetivo: escuta, interlocução, companhias de várias naturezas, troca intelectual, auto-cuidado
- ações integradas: buscando ressignificar saberes/ construir condições para exercê-los/ experimentar novas estruturações dos recursos do cotidiano e do cuidado, em vários aspectos.

ESCUITA

